

## TRÂNSITOS DISCURSIVOS

Lígia Telles  
UFBA

Inserindo-me no Simpósio “Poéticas finisseculares”, que integra este VIII Congresso Abralic, trago como proposta para reflexão deste fórum de debates uma fração de trabalho produzido no âmbito do projeto de pesquisa *O escritor e seus múltiplos: migrações*, desenvolvido em conjunto com as professoras Antonia Herrera e Evelina Hoisel, da UFBA, o qual contempla o estudo da produção textual de escritores brasileiros em atividade, também situados na academia, que conjugam a atividade artística com as atividades teórico-crítica e docente.

De modo mais específico, no meu caso, tomo como objeto de estudo a produção de Judith Grossmann, uma escritora que é também professora, tendo sido Titular de Teoria da Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, matéria que instalou no currículo desse curso e ministrou durante vinte e cinco anos. Na escritora, fala a professora. Fala também a teórica da literatura, detentora de um repertório de obras e autores literários. Professora e teórica interpenetram-se, vez que Judith Grossmann constituiu uma equipe de trabalho (da qual participei como aluna e como docente) e fundou uma área e uma linha de pesquisa na Pós-Graduação, da qual se originou o seu livro *Temas de teoria da literatura*, publicado em 1982.

Considero, ainda, relevante o fato de que o objeto de estudo é a produção textual de uma escritora viva, em intenso processo de criação (com obras publicadas até o ano 2000 e com vários romances inéditos, estando um em fase de escrita), que se desligou das demais atividades profissionais e dedica-se hoje exclusivamente à construção de seus textos literários. A experiência de se lidar com uma obra em construção contamina o formato da reflexão que a toma como campo de estudo, caracterizando-o como um indicador de múltiplas formas de abordagem ou de leitura. Ademais, o contato com os diversificados fios textuais produzidos pelo mesmo

sujeito resulta numa releitura das fronteiras do ficcional na contemporaneidade, bem como numa reflexão acerca dos processos de criação contemporâneos. Desse modo, o exame das produtivas interseções entre os textos ficcionais de Grossmann e aqueles integrantes de depoimentos de ordem diversa contribui para a reformulação de uma marcação de limites nitidamente postos.

Na produção textual de Judith Grossmann articulam-se textos confessionais e ficcionais, em jogo remissivo que possibilita uma leitura entrecruzada dos romances com os contos e poemas, vez que os motivos ou temas tratados migram de um espaço para outro, quer ampliando-se dos poemas e contos nos romances, quer partindo destes para sintetizarem-se naqueles. O convívio do leitor com a produção dessa escritora permite-lhe a identificação dessa qualidade migratória de motivos e palavras. Trata-se do aspecto da *intratextualidade* presente nessa escrita, a qual, ao lado da *intertextualidade*, confere-lhe uma feição peculiar e, ao mesmo tempo, consoante com os rumos da contemporaneidade, propiciando o estabelecimento dos pertinentes e proveitosos diálogos, inclusive com seus próprios textos não pertencentes ao domínio específico da ficção, como depoimentos variados, e com sua produção ensaística no campo da teoria e da crítica literária. É o que acontece, por exemplo, na superposição de cenas da infância da escritora, em especial a que focaliza como local de sua concepção “uma floresta de cerejeiras, macieiras, pereiras européias” (declaradas em *Depoimento* prestado por ocasião da *Oficina Amorosa: Seminário Judith Grossmann*, acontecido em novembro de 1991, em Salvador, e posteriormente publicado<sup>1</sup>) e cenas da infância da protagonista de *Meu Amigo Marcel Proust Romance*, que apresentam como variantes do local de sua concepção “uma floresta de framboesas na Rússia, um palácio veneziano, a cabine de um navio”<sup>2</sup>. Na pluralidade de versões, pode-se observar a representação do mito da infância com a preservação de ecos do paraíso herdado do *Gênesis*

---

<sup>1</sup> GROSSMANN, Judith. Oficina amorosa: depoimento. *Estudos*, lingüísticos e literários, Salvador, UFBA, n.15, 1993, p.68.

<sup>2</sup> GROSSMANN, Judith. *Meu Amigo Marcel Proust Romance*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 158 e 165.

bíblico e presente no imaginário do homem ocidental.

Nesse âmbito, considero que ocupa um espaço singular na produção da escritora o texto “Conservatório da palavra: Exhibit do laboratório de um conto”, acoplado ao conto “O pelotão de fuzilamento” (publicados na coletânea *Pátria de histórias: contos escolhidos de Judith Grossmann*<sup>3</sup>), no qual focaliza o processo de escrita de um texto ficcional de sua autoria, além de proceder à reflexão acerca de questões pertinentes ao processo de criação literária e, mais especificamente, ao seu próprio. Nesse ensaio-depoimento, Judith Grossmann demonstra de que modo a conjugação das atividades que desempenha (ou desempenhou), quais sejam, a de professora e a de teórica e crítica literária com a de escritora de ficção, resultaram numa feição peculiar de escrita ou numa marca de estilo:

Embora concorde que isto não seja indispensável, no que a mim concerne, foi, e o meu estilo nesta continuidade de campos e em ambos decorre deste acoplamento, desempenho literário gera competência crítica no sentido amplo, e desempenho crítico gera competência literária também no sentido amplo, e já não se pode separar uma coisa da outra.<sup>4</sup>

Em situação semelhante pode-se considerar que esteja o escritor de ficção, professor e crítico literário Ricardo Piglia, o qual aborda a questão das relações entre ficção e teoria/crítica com bastante propriedade, tendo em vista esses lugares que ocupa e que lhe permitem afirmar que “todo escritor é um crítico já que ele tem uma relação particular, de um lado, com a literatura já escrita e, de outro, com essa obra que ele está realizando porque o ato de corrigir já supõe uma certa concepção da literatura”<sup>5</sup>.

A reflexão em torno dos limites entre o texto ficcional e o texto não ficcional constitui

---

<sup>3</sup> GROSSMANN, Judith. *Pátria de histórias: contos escolhidos de Judith Grossmann*. Seleção e Organização de Lígia Telles. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: FCEB, 2000. 256p. (Bahia: Prosa e poesia, Coordenação Editorial de Ildásio Tavares).

<sup>4</sup> Id., p. 235.

<sup>5</sup> PIGLIA, R. Ficção e teoria: o escritor enquanto crítico. *Travessia* 33; Revista de Literatura, Florianópolis, UFSC, n. 1, p.47-59, 1996. p.48 (Este artigo é a publicação da aula inaugural proferida no Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, em 13.08.1990).

um dos pólos da reflexão contemporânea, ao deslocar a própria relevância da questão. Quanto ao discurso grossmaniano, chamo a atenção para os textos introdutórios que integram várias das produções ficcionais da escritora, com o exame dos índices que favorecem a discussão em torno de um abalo das categorias classificatórias, vez que se alternam, nos referidos textos, quer a explicitação da persona autoral (cujo indicativo pode ser a assinatura por meio das iniciais J.G. , como no romance *Outros trópicos*, ou a assinatura Judith Grossmann por extenso, como em *Vária navegação: mostra de poesia* e em *Fausto Mefisto Romance*) quer o ocultamento ou travestimento da escritora na personalidade que se firma como “A Autora” (*Meu Amigo Marcel Proust Romance* e *Nascida no Brasil Romance*).

Passo agora a demonstrar, recorrendo a um exemplo da ficção de Judith Grossmann – *Nascida no Brasil Romance* – de que modo se verificam os trânsitos entre seu discurso literário, seu discurso teórico-crítico e sua proposta pedagógica depreendida de depoimentos e discursos confessionais de variado formato. Da leitura desse romance, elejo dois temas como linhas de força dessa construção ficcional: *a construção de uma utopia* e *uma poética do ensino*, os quais afirmam a possibilidade de uma utopia concretizada em projeto de ensino.

Como súmula de um mundo idealizado – proposta de *Nascida no Brasil Romance* -, no qual é recorrente o modelo platônico, assoma o sentimento de *philia*, eixo de toda a narrativa, enquanto conceito no qual se ampara a construção de uma utopia realizada por Judith Grossmann, já antevista em forma de cena no capítulo introdutório intitulado “Luzes da Sacada”: “O quarteto já me veio pronto, em sua inteireza, em si realizando completamente a idéia de sabedoria e amizade, aquilo que a filosofia concebe como *philia*”<sup>6</sup>. E é desse pórtico do qual a Autora contempla e faz o leitor ingressar no romance, que o sentimento de amizade se derrama por toda

---

<sup>6</sup> GROSSMANN, Judith. *Nascida no Brasil Romance*. Salvador: EDUFBA/ Fundação Casa de Jorge Amado, 1998, p. 11. Todas as citações neste trabalho referem-se a esta edição. A partir desta nota, será colocado apenas o número da página após a citação.

a narrativa, colorindo-a com o delicado tom que preside as relações marcadas por tal sentimento, notadamente a que se estabelece entre o sujeito e a linguagem.

A fusão de Autora e personagem, alterando a posição convencionalmente estabelecida, leva a Autora a afirmar a respeito da protagonista: “Não há limites para a liberdade que Cândida Luz se autoriza e se toma, e foi assim que com ela aprendi a ser livre, e aprendi coisas novas, originais, inéditas, jamais ditas, sobre criar, procriar, homens, mulheres, pessoas e diálogos” (p.12). Opera-se, desse modo, a dissolução de limites estanques no que concerne ao lugar ocupado pelo autor, fazendo do mesmo uma *construção*, no sentido proposto por Foucault<sup>7</sup>, tanto quanto é construção o da personagem. Trata-se, ademais, de um sentimento que resulta em ações, integrante da pedagogia projetada nesse modelo de realidade, cujo principal artífice é Cândida Luz.

Ao identificar a existência de duas linhas temáticas predominantes, identifica-se também a continuidade entre elas, o modo como se misturam, como se associam, quando a *construção de uma utopia* – a realidade projetada por Cândida Luz – é passível de ser transmitida, formalizando-se no espaço textual uma *poética do ensino*, na qual a figura do professor é posta como metáfora para o artista.

É essa uma das principais questões que, após a leitura de *Nascida no Brasil Romance*, permite a pergunta: trata-se de um livro sobre a amizade? Um livro sobre o ato de ensinar? Na verdade, um livro que ata esses dois fios, fazendo do ensino uma manifestação de amizade. Embutida no ato narrativo, surge a exclamação de Cândida Luz, no capítulo “A passagem”: “Ah, os professores!, era deles que precisava” (p.248). Nela, o ato de ensinar é tomado *lato sensu*,

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Passagens, 1992. 161p.

posto que não se limita a espaço – o da escola convencional –, a profissão, ou a quaisquer outros territórios de linhas demarcatórias precisas.

Na base de todo um processo pedagógico que se desenvolve, encontra-se como alicerce – do ponto de vista do universo ideológico desse romance –, a *vocação*. O Professor é, acima de tudo, um ser vocacionado para a sua função, o que garante o bom resultado do seu desempenho. Por trás do projeto pedagógico ficcionalmente construído existe, portanto, o conhecimento que lhe serve de suporte, conhecimento que representa, aqui, a experiência vivida. É justamente em torno “do prazer do exercício desta profissão” – a de educadora – que constrói o seu discurso, proferido na Câmara Municipal da Cidade do Salvador, quando lhe foi outorgada a Medalha Maria Quitéria. Traça naquela oportunidade um território ampliado da profissão de educadores, posto que a convivência diária entre os seres humanos representa o permanente exercício desta profissão:

A nossa profissão de educadores, e aqui incluo lato sensu a todos, pais, políticos, religiosos, profissionais liberais, artistas, escritores, além de professores propriamente ditos, quem sabe massivos transeuntes pelos quais somos educados diariamente, mesmo que alguns tentem cometer o perjúrio de nos deseducar, é um território onde não existe solidão, carência, tristeza, estas palavras-mote que povoam o vocabulário do homem enquanto animal melancólico, quem sabe sinistro e grave, mas o oposto, união, plenitude, alegria de estar como nunca acompanhado nas aventuras do conhecimento.<sup>8</sup>

Vinculando o pensamento de Freud e Goethe à identificação do “desejo de saber como uma das mais fortes pulsões do homem”, a Professora Judith Grossmann – pois trata-se, aqui, da

---

<sup>8</sup> GROSSMANN, J. Discurso proferido na Câmara Municipal da Cidade do Salvador em 13 de março de 1996 (inédito).

voz da professora – articula tal pulsão do saber à plenitude representada pelo conhecimento compartilhado<sup>9</sup>.

Considerando-se que o momento deste discurso aconteceu cinco anos após sua aposentadoria como Professora Titular de Teoria da Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, adquire maior relevância a expressão do momento que vive ao tempo em que o pronuncia:

Assim, na busca incessante da felicidade, e não se pretenda até o fim, até o fim do fim, até a última vogal da duração, que se deixe por menos, permito-me voltar, não ao passado, mas estando aqui mesmo, por alguns minutos, ao meu reino, a sala de aula.<sup>10</sup>

O *reino da sala de aula* da professora Judith Grossmann é delimitado principalmente pela existência da companhia, do saber compartilhado. E tendo uma vez existido, não cessará de existir, inscrevendo-se a continuidade em lugar do que se temeria como descontinuidade, “ao fechar-se o livro de presença na sala de aula enquanto tal”<sup>11</sup>.

Formula-se, portanto, a relação triangular entre *ensinar*, *aprender* e *viver*, confirmando-se aqui a proposta pedagógica ficcionalmente construída em *Nascida no Brasil Romance*. Confirma-se, ademais, a relatividade de uma pretensa ou desejada fixação de limites definitivos entre o biográfico – aqui incluindo-se o pedagógico – e o ficcional, na seara dos diversificados discursos de Judith Grossmann. É esta professora que se projeta no Professor de música de Maboy, na Senhora Gathás, no professor Maier, na *velha senhora*, todos eles professores *stricto sensu*, mas também em Cândida Luz e suas tarefas de ensinar e aprender, lições vividas nos seus relacionamentos com Manfredo, com os filhos, com os criados, com o sexo masculino, com os

---

<sup>9</sup> Id., *ibid.*

<sup>10</sup> Id., *ibid.*

<sup>11</sup> Id., *ibid.*

seres humanos. E são essas personagens que a legitimam e fazem-se reconhecer pelo leitor no texto do seu discurso.

Confirmam-se ainda os postulados *ensinar é uma arte* e *o professor é um artista*, estabelecidos em *Nascida no Brasil Romance*, de um duplo ponto de vista: inicialmente, enquanto concepção que conjuga ensino e arte, numa perspectiva ampla de ambos os conceitos; e em seguida, com a peculiaridade da situação dessa professora e escritora literária em particular.

Os tópicos aqui destacados do discurso proferido por Judith Grossmann quando lhe foi outorgada a Medalha Maria Quitéria pela Câmara Municipal do Salvador já haviam, na verdade, recebido tratamento anterior, em discurso por ela proferido no Palácio da Reitoria, quando recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, em 1994. Naquela oportunidade, construiu um projeto conjunto de educação e cidadania, reservando ao professor um lugar ímpar numa sociedade bem-sucedida, na qual os cidadãos seriam formados por meio de um projeto educacional que contemplasse todas as suas necessidades e lhes permitisse desenvolver suas aptidões. O dínamo a movimentar com energia tal projeto já era apontado: a vocação do professor. Vocação que a própria Professora Judith Grossmann em si reconhecia: “Professor sou e serei para sempre. A isto se costuma chamar de vocação.”<sup>12</sup>

Se no espaço desta comunicação tenho procurado demonstrar como dialogam entre si as faces *escritora* e *professora* de Judith Grossmann, o discurso de Professor Emérito reafirma a procedência do estabelecimento de tais vínculos:

...digo-lhes que somente existem duas profissões possíveis, a de poeta e a de professor, e que tanto as fundi quanto fundi Corinto e Tebas, que quando se busca o poeta se vislumbra o professor e quando se busca o professor se divisa o poeta, mas ambos se mostram e se demonstram, pontualmente atendendo às duas solicitações. E digo-lhes que se aqui retornasse mil vezes, não haveria outra opção para mim, e que longe daqui, em

---

<sup>12</sup> GROSSMANN, Judith. Memórias de alegria. *Estudos*; lingüísticos e literários, n.25-26, Salvador, PPGLL, UFBA, janeiro-dezembro 2000, p.49.



alguma indistinguível Colona, terei imorredouras saudades dos dias que terei passado no exercício destas funções.<sup>13</sup>

Podem ser encontradas as raízes do modelo pedagógico cunhado na ficção grossmaniana, em particular em *Nascida no Brasil Romance*, na concepção grega de *paideia*, termo que, embora traduzido modernamente como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação, não encontra em nenhum deles a equivalência plena com o sentido que possuía para aquele povo, conforme assinala Werner Jaeger<sup>14</sup>. Uma vez que o romance em foco aponta para a construção utópica de um mundo pela literatura, na qual se põe como centro um modelo pedagógico, entende-se tal pedagogia no sentido de *formação* que tinha para o homem grego. Ao colocar o povo grego como “o povo filosófico por excelência”, afirma Jaeger a ligação intrínseca da teoria da filosofia grega com sua arte e sua poesia. A palavra alemã *Bildung* (formação, configuração) é por ele identificada como “a que designa do modo mais intuitivo a essência da educação no sentido grego e platônico”, assinalando ter sido Platão o primeiro a aplicá-la metaforicamente à ação educadora.

Como principal agente do projeto educacional cunhado em *Nascida no Brasil Romance*, o professor de música contratado para dar aulas a Maboy entremeia o conteúdo específico de suas aulas com as lições que dá para a vida do futuro adulto ora em formação, dentre as quais a da *serenidade* e a da *superação da dor da perda*. Como se tem podido observar no romance, a formação de uma família por Cândida Luz, tendo como célula original o acolhimento de dois filhos adotivos, e prosseguindo com a transformação sucessiva do vizinho Manfredo em amigo, noivo e marido, bem como na incorporação de criados, cada um ocupando o seu justo lugar, permite que se estabeleça, tendo como suporte o sentimento de *philia*, um processo de *formação* dos seres humanos. Tal processo não se instala da perspectiva da existência de *alguém que ensina*

---

<sup>13</sup> GROSSMANN, Judith. Memórias de alegria. *Estudos*; lingüísticos e literários, n.25-26, Salvador, PPGLL, UFBA, janeiro-dezembro 2000, p. 48.

<sup>14</sup> JAEGER, Werner. *Paideia*; a formação do homem grego. São Paulo: Herder, s.d. p.1.

e *alguém que aprende*, mas criando-se um círculo de aprendizagem: aprendizagem com a vida e com a arte.

Retomando-se os discursos de Judith Grossmann na Reitoria da Universidade Federal da Bahia e na Câmara Municipal da Cidade do Salvador, pode-se confirmar como a idéia de educação neles descrita situa-se em paralelo ao modelo desenvolvido ficcionalmente em seu romance. Extrapolando esses limites, pode-se ainda visualizar, em outros textos da escritora, a existência de um modelo que a percorre, no sentido da educação como formação, de inspiração na paideia grega, dentre os quais se destaca, em *Fausto Mefisto Romance*, o projeto posto em curso pelo Doutor Fausto na sua Clínica para recuperação de adolescentes acometidos pelos males da civilização, do mundo urbano contemporâneo <sup>15</sup>.

Por outro lado, se na cena de *Nascida no Brasil Romance* atua o professor, este encontra o seu modo de representação tanto na pluralidade das personagens que exercem esta função, *stricto* ou *lato sensu*, quanto na figura do artista que se pode extrair do texto. Reitera-se, desse modo, a aliança entre professor e artista que percorre a ficção de Grossmann. E confirma-se ainda, pela *praxis*, a trajetória da professora e escritora Judith Grossmann.

---

<sup>15</sup> GROSSMANN, Judith. *Fausto Mefisto Romance*. Rio de Janeiro: Record, 1999.